

# Sveja São Paulo

DEZEMBRO • JANEIRO 1993

S	T	Q	Q	S	S	D
28	29	30	31	1	2	3



*Estádio do Morumbi, domingo (20): os são-paulinos comemoram o título de campeão paulista uma semana depois da conquista do mundial interclubes, em Tóquio*

## O FENÔMENO TRICOLOR

*Por que o São Paulo ganha todas e sua torcida cresce tanto*





ROBERTO LOFFEL

## O que faz do São Paulo o melhor de todos

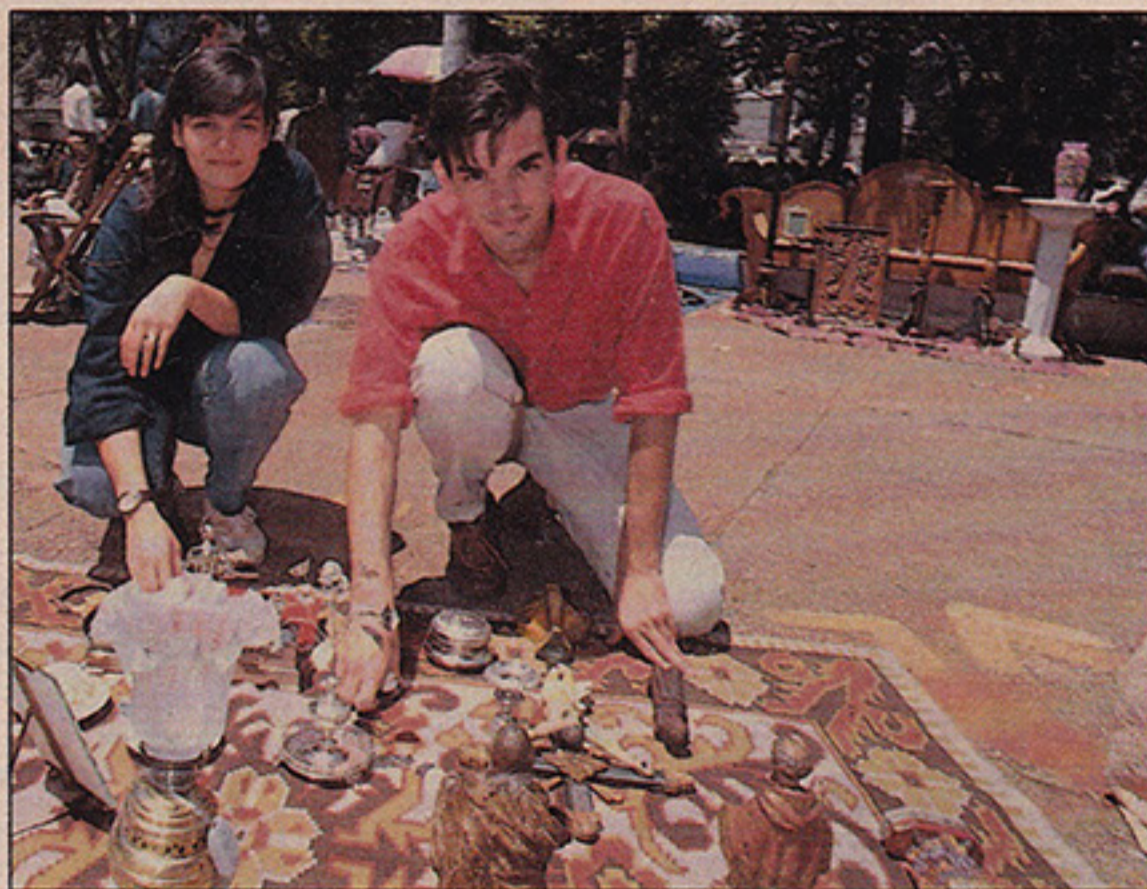
Em seis títulos disputados, cinco vitórias — entre elas, o campeonato mundial e o bicampeonato paulista. Sob o comando do técnico Telê Santana (*foto*) e do craque Raí, o São Paulo prova, de forma inédita no atual futebol brasileiro, que o profissionalismo dentro e fora do campo rende glórias, uma avalanche de novos torcedores e muito dinheiro. **Pág. 10**



EDUARDO ALBARELLO

## Frio etílico

Para combater o calor, os bares criam uma leva de coquetéis gelados. A atriz Mariana de Moraes escolheu o daiquiri rebelde. **Pág. 8**



CAROL DO VALLE

## Contra o golpe da peça antiga

Um grupo de antiquários forma uma associação para moralizar um mercado tão popular quanto desregulado e proteger clientes como os irmãos Frederico e Adriana Sartori, frequentadores assíduos de feiras de antiguidades (*na foto a do Bixiga*). **Pág. 18**

## Terraço Paulistano

A apresentadora Marília Gabriela mudou outra vez. Deixou de ser ruiva e voltou a ser loira. Mas com outro corte. **Pág. 4**

## Cidade

Previsões sombrias para a capital. Munidos de radares, os técnicos esperam chuvas ainda mais fortes em 1993. **Pág. 20**

## Férias

As sugestões de viagens incluem a Praia das Fontes, em Fortaleza, e o trekking na Chapada da Diamantina, na Bahia. **Pág. 22**

## Beleza

Ficar bronzeado neste verão paulistano não exige tanto. Basta seguir algumas precauções básicas e usar produtos de forma correta. **Pág. 24**

## As Boas Compras

Dicas para aproveitar bem as comemorações de Ano-Novo: da taça de champanhe a uma autêntica bola de cristal. **Pág. 26**

## Roteiro da Semana

Depois de uma rápida parada, Paulo Autran retorna com a peça *O Céu Tem que Esperar*. Na telinha, o delicioso *Assim Era a Atlântica*. **Pág. 29**

## Marcos Rey

Não faltam boas histórias de réveillon na vida do cronista. Tem aquela da São Silvestre e o esbaforido Guma ou a da festa dos ferroviários. **Pág. 74**



# Os segredos do esquadrão número 1

AMAURI BARNABÉ SEGALLA

**E**spetacular. Brilhante. Arrasador. Quase imbatível. O São Paulo Futebol Clube, para o orgulho de seus torcedores e um certo desespero dos rivais, é hoje tudo isso e um pouco mais. No ano passado, já havia sido campeão paulista e campeão brasileiro. Em 1992, na temporada mais bem-sucedida de sua história, conquistou as glórias máximas que poderia almejar. Primeiro, venceu a difícil Taça Libertadores, que reúne num sistema eliminatório os dois melhores times de cada país sul-americano. Em seguida, ao derrotar em Tóquio o poderoso Barcelona, atual campeão europeu, assegurou no último dia 13 o cobiçadíssimo título mundial interclubes — algo só alcançado, no Brasil, pelo lendário Santos de Pelé, pelo Flamengo e pelo Grêmio. Chega? Não. Domingo passado, cinco dias depois de voltar do Japão, a equipe do supercraque Raí, do endemoniado Müller e do interminável Toninho Cerezo, 37 anos, levantou o bicampeonato paulista ao derrotar o Palmeiras por 2 a 1. A comparação que se segue é cruel, mas dá uma idéia da distância que separa os dois times. Se o São Paulo ganhou cinco das últimas seis competições que disputou, o Palmeiras participou desde 1977 de 32 campeonatos de primeira linha — contando-se aí apenas o paulista e o brasileiro — e não venceu nenhum. Em dois anos, o São Paulo obteve inversamente o resultado que o prefeito eleito Paulo Maluf — são-paulino, aliás — alcançou na disputa de cargos executivos:

**Nos últimos dois anos, o São Paulo ganhou cinco dos seis títulos que disputou. Foi campeão paulista, brasileiro, sul-americano e mundial. Atrás de tantos triunfos, há uma organização comparável à de muitos clubes europeus, craques de 30 milhões de dólares e uma torcida cada vez maior**

concorreu seis vezes, perdeu cinco.

Na verdade, mais do que espetacular, brilhante, arrasador ou quase imbatível, o São Paulo é um fenômeno. E um fenômeno a nível mundial. Como o Barcelona ou o Milan, unanimemente considerado o melhor time do mundo, apesar de não deter esse título — que, como se sabe, pertence ao tricolor —, o São Paulo é um escrete em si mesmo. De seu grupo de 28 atletas profissionais, onze já defenderam a seleção brasileira. Dois deles esquentaram o banco de reservas contra o Palmeiras. Veja-se mais. Há um mês, a respeitada revista inglesa *World Soccer*

divulgou sua lista dos melhores do ano. O São Paulo aparece em quarto lugar, atrás apenas, pela ordem, da seleção da Dinamarca, do Milan e do Barcelona e à frente da própria seleção do Brasil, sexta colocada. Trata-se de um erro de fato e de direito. Este ano, o São Paulo bateu duas vezes no Barcelona. A primeira foi na Espanha, na final do Torneio Tereza Herrera, por retumbantes 4 a 1. Ou seja, deveria estar em terceiro. Não é só. Raí, a estrela do esquadrão, foi eleito o nono melhor jogador de 1992. Telê Santana ficou na quarta posição entre os treinadores.

Portanto, embora os gols de Müller e Cerezo no domingo passado celebrassem o auge da fúria dessa máquina futebolística, nada era mais previsível do que o 17º título estadual do São Paulo. A nova vitória, porém, serviu para confirmar a indiscutível superioridade da equipe número 1 do país em estrutura, material



O craque Raí supera Mazinho





RICARDO CORREA

e César Sampaio: a cena se repetiu durante o ano todo e tornou a equipe são-paulina quase imbatível

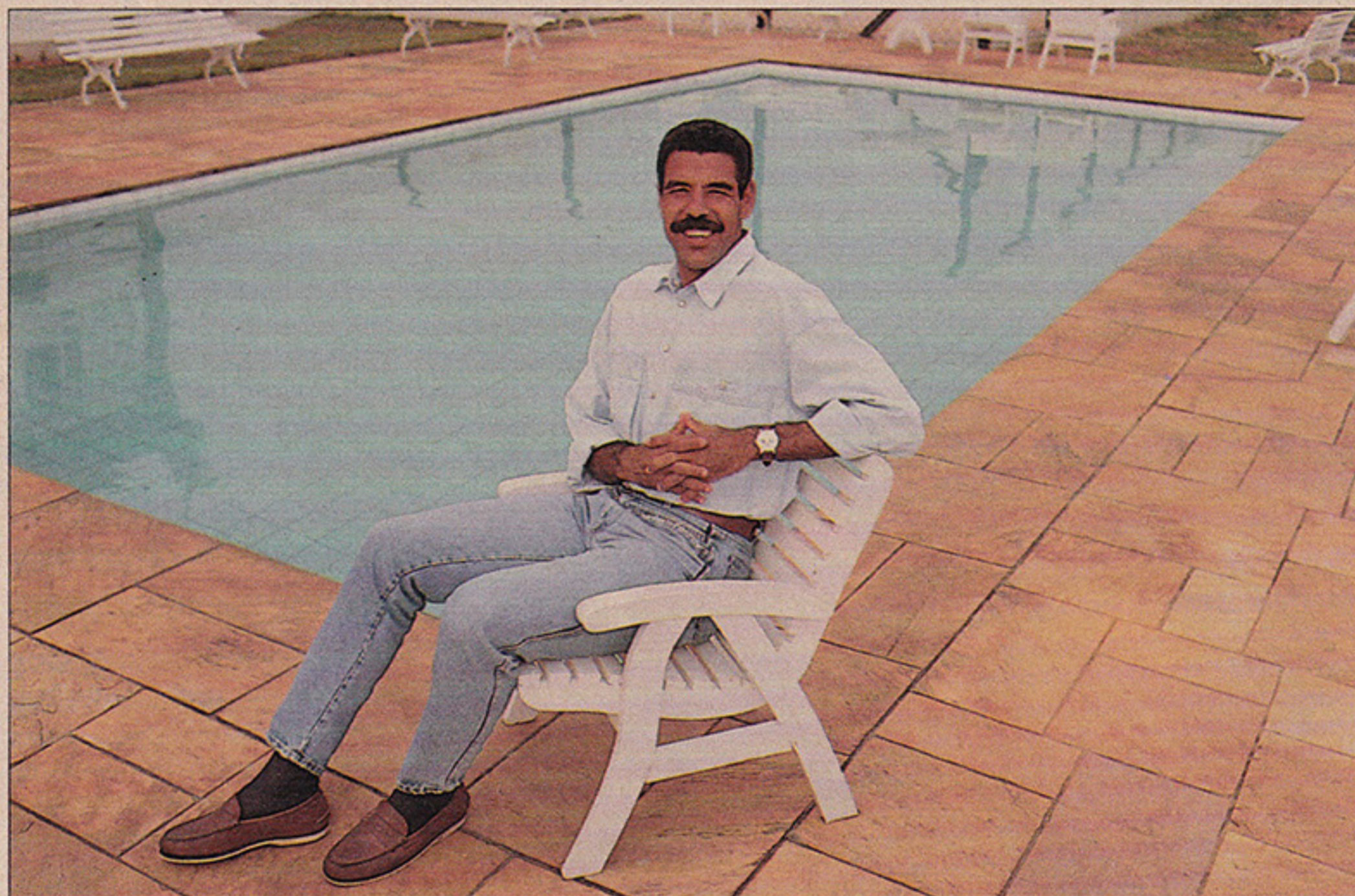
humano, organização e planejamento. “O São Paulo sufoca, corre atrás, trabalha, busca”, descreve o técnico Telê Santana da Silva. Em futebol, as hegemonias costumam ser transitórias. Em 1972, o inesquecível Palmeiras de Ademir da Guia colecionou cinco faixas de campeão. Hoje, acumula dezesseis anos na fila. A questão é que, neste momento, não há no Brasil, ao alcance da vista, nenhum adversário à sua altura. “A diferença está na estrutura, no centro de treinamento, nos profissionais contratados, na seriedade”, vangloria-se o presidente José Eduardo Mesquita Pimenta. Tantos triunfos seguidos foram o resultado de um longo e bem-sucedido trabalho intensificado na década de 80, mas que teve seu início nos anos 50. No período que culminou com a construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, nome oficial do Morumbi, o clube amargou doze anos sem títulos, de 1958 a

1969. Da compra do terreno de 155 000 metros quadrados, em 1951, até a inauguração oficial, em 1970, o São Paulo não investiu em jogadores. Todo dinheiro era aplicado em cimento e ferro. Avaliado em 550 milhões de dólares, o Morumbi tornou-

### Onze jogadores na seleção

se o maior estádio particular do mundo, com capacidade para 120 000 pessoas. Já chegou a acomodar 146 000 espectadores, no segundo jogo da final do campeonato paulista de 1977 entre Corinthians e Ponte Preta. “O Morumbi é o segredo tricolor”, acredita o comentarista Milton Neves, da Rádio Jovem Pan, que aproveitou a febre e mandou imprimir 100 000 adesivos com a frase “Torcer para o São Paulo é uma grande moleza”, assinada por ele próprio — um santista declarado. “O São Paulo, o





**Toninho Cerezo, que jogou na Itália durante nove anos: "Tudo funciona perfeitamente"**

FOTOS CAROL DO VALLE

como Laudo Natel, ex-governador do Estado, ou Paulo Machado de Carvalho, que comandou as seleções campeãs das Copas do Mundo de 1958 e 1962, o clube plantou patrimônio para depois investir em ousadia. "O São Paulo é um dos clubes mais ricos do mundo", calcula Carlos Miguel Aidar, presidente entre 1984 e 1988 e responsável pela construção do atual Centro de Treinamento, na Lapa. Só o elenco responsável pela conquista do bicampeonato paulista valeria cerca de 30 milhões de dólares no mercado internacional. Raí, por exemplo, não será vendido por menos de 3 milhões de dólares. Para os padrões europeus,

Ayrton Senna e o Pelé são as únicas coisas de Primeiro Mundo que há no Brasil", elogia Milton Neves.

Essa rotina de títulos provocou outro fenômeno. De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Gallup publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 5 de novembro, o São Paulo virou o dono da segunda maior torcida da Grande São Paulo, atrás somente do Corinthians e — esta é uma grande novidade — na frente do Palmeiras. Entre os 54,4% da população que se interessam por futebol, os tricolores formam um contingente de 22%, contra 17% dos palmeirenses. Os corintianos lideram, com 42%. Na pesquisa anterior, em 1984, os são-paulinos estavam em terceiro, com 14%. Ou seja, a torcida do São Paulo cresceu pouco mais de 50% em oito anos. Isso significa que, na região metropolitana da capital, existe um contingente de 1,4 milhão de são-paulinos maiores de 15 anos. (A pesquisa não ouviu crianças. Se o fizesse, esses números seriam certamente maiores, pois a tendência é que o pequeno torcedor opte pelo clube que está por cima.) "Nós conquistamos a cidade, tem são-paulino em todos os lugares", orgulha-se a tenista Andréa Vieira, 21 anos, torcedora fanática. "Chorei na final da Libertadores e do Mundial", conta. "É uma explosão de alegria inexplicável", derrete-se o ator Cássio Gabus Mendes, 31 anos, outro fã de Raí, Müller e companhia.

Com o estádio construído, dívidas pagas e o trabalho bem-sucedido de diretores

### A terceira torcida já é a segunda

no entanto, essa é uma quantia modesta. Jogadores de ponta, como o holandês Ronald Koeman (Barcelona), passam facilmente dos 10 milhões de dólares.

Se não bastasse, o São Paulo tem a vantagem de tradicionalmente revelar novos talentos. Toda a sua estrutura privilegia o trabalho nas categorias iniciantes, como juvenis ou infanto-juvenis. Nesta temporada, o técnico Telê Santana lançou na equipe principal o lateral Vítor, 20 anos. Ex-juvenil, ele foi talhado para eventualmente substituir o titular Marcos Evangelista de Moraes, o Cafu, um dos heróis na conquista dos

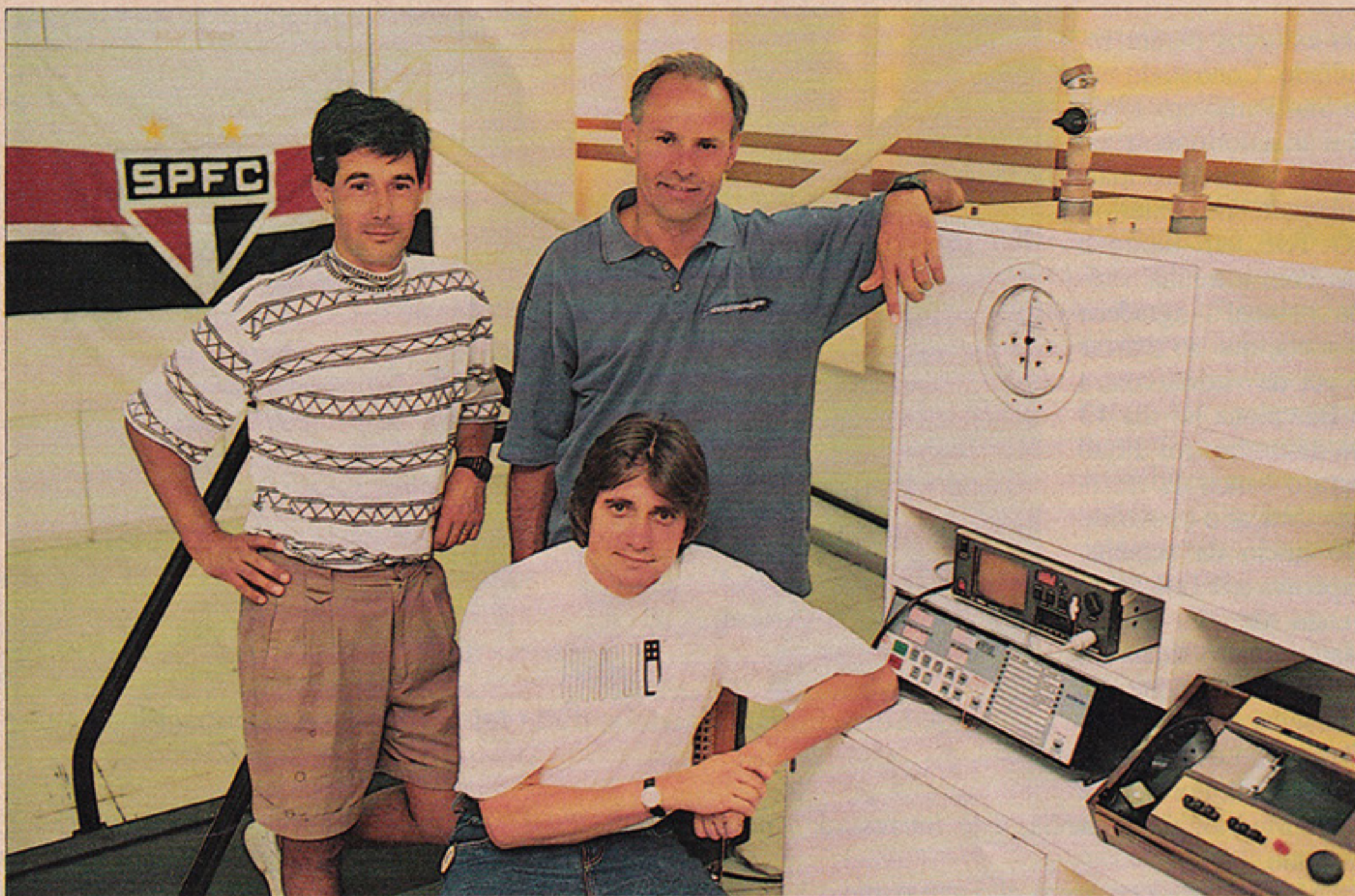


**Marcelo Martines, diretor de marketing: iniciantes viram minas de ouro**



últimos troféus. Resultado: Vítor se destacou tanto que já foi convocado para a seleção brasileira. “Num investimento zero, transformamos iniciantes em minas de ouro”, define Marcelo Martines, diretor de marketing do São Paulo. “De repente tudo muda, a gente fica famoso e dá autógrafa”, diz o polivalente Cafu, 22 anos, ele mesmo saído dos juvenis. O passe de um jogador de seu nível pode chegar a 1 milhão de dólares. Vítor está credenciado a chegar a esse patamar no futuro.

Em grande parte, tais êxitos se devem à competência de Telê Santana. No clube há dois anos, Telê só perdeu os campeonatos brasileiros de 1990 e 1992. Intransigente defensor do que o futebol pode oferecer de melhor ao espectador — a coragem ofensiva, a técnica, a criatividade — e um pregador incansável contra o que ele tem de pior — o recurso à violência, os esquemas medrosos, a acomodação dos jogadores —, o mineiro Telê, 61 anos, é também um homem ranheta, muitas vezes intransigente. Domingo, no programa *Mesa Redonda*, da TV Gazeta, chamou o diretor da Parmalat, José Carlos Brunoro, de “técnico de basquete, que não entende de futebol”. Além de ter cometido um equívoco, foi deselegante. Brunoro,



Altair, Moraci e Turíbio (sentado): avaliações físicas computadorizadas

que dirigiu a seleção de vôlei, é um profundo conhecedor de esporte — incluindo-se aí o futebol.

### Telê não gosta de trancinha

“Seu Telê é bastante sério”, atesta o atacante Macedo, 23 anos. Macedo protagonizou um episódio que denota com perfeição a

personalidade do treinador. No início deste ano, decidiu implantar trancinhas no cabelo. Telê mandou que fossem imediatamente cortadas. “Foi uma pena, mas a gente tem de obedecer”, resigna-se o jogador. Em nome do que entende como disciplina, o técnico impõe regras duras. Os jogadores que moram no Centro de Treinamento não podem entrar para dormir depois da meia-noite. Dormir fora, nem pensar. “Sou rigoroso, sim, e isso é para o bem deles”, pensa o treinador.

Sua linha dura tem um lado positivo. “Ele contribuiu para que eu deixasse de ser tão desligado”, admite o craque Raí Souza Vieira de Oliveira, 27 anos, artilheiro do São Paulo no Campeonato Paulista com quinze gols. Num dos treinos antes da final contra o Palmeiras, ele foi até o centro do gramado usando tênis. Segundos antes de começar os exercícios, percebeu o engano. Correu até o alambrado e calçou as chuteiras. “Isso acontecia com maior frequência, mas agora aprendi a me concentrar”, diz.



O presidente José Pimenta: orçamento anual de 8 milhões de dólares



Os esforços deram resultado. Contratado pelo São Paulo em 1987, Raí transformou-se no jogador brasileiro mais cobiçado no exterior. "O Telê tem muito a ver com a minha vitória pessoal", agradece o atleta, que ao marcar o gol da vitória contra o Barcelona no dia 13 de dezembro foi direto para o banco de reservas abraçar o treinador. No início da semana, esperava a definição da venda de seu passe. Havia quatro times no páreo: Olympique de Marselha e Paris Saint-Germain, da França, Benfica, de Portugal, e Real Madrid, da Espanha, este interessado também em Telê Santana.

"Muitos clubes europeus não têm o que o São Paulo oferece", observa o atacante Antônio Correa da Costa, o Müller, 26 anos, autor do primeiro gol na final contra o Palmeiras. Müller jogou três anos no Torino, da Itália. "Em estrutura, o São Paulo ganha fácil do Torino", garante ele, que costuma chegar para os treinos dirigindo um BMW 325i, comprado por 73 000 dólares. "Quanto treinei o Palmeiras, não havia ônibus para levar o pessoal para o campo", compara Telê. "Na Europa, um trabalho de base como o do São Paulo custa uma fortuna", diz Toninho Cerezo, que jogou na Itália durante nove anos. Na Sampdoria, time no qual ele ganhou o campeonato italiano da temporada 1990/1991, os treinamentos eram realizados num campo da prefeitura.

Além da qualidade dos jogadores e do profissionalismo da diretoria, vale ressaltar o trabalho da comissão técnica. Todos os jogadores são examinados individualmente, em testes de computador que incluem avaliações sobre a resistência física, potência muscular, força, impulso e velocidade. "Não há nenhuma equipe que faça isso no Brasil", garante o fisiologista Turíbio Barros. No jogo contra o Barcelona, ficou evidente a superioridade física do tricolor, uma surpresa em se tratando de clubes europeus, tradicionalmente bem preparados. "Introduzi a hidroginástica e o alongamento depois dos jogos", explica o preparador físico Moraci Sant'Anna, outra vez aplicando um conceito



A nutricionista Patrícia: dieta feita à base de aminoácidos

CAROL DO VALLE

pioneiro. "Guardamos no computador todos os dados dos jogadores", acrescenta Altair Ramos, auxiliar de Moraci.

Nas avaliações contínuas, vale tudo: passes certos, chutes a gol e o batimento cardíaco durante um treino, catalogado através de aparelhos especiais, os pulsímetros. O São Paulo inovou, igualmente, na área de alimentação, quebrando um preconceito. Desde outubro do ano passado, o clube dispõe dos serviços de uma nutricionista, a primeira mulher a trabalhar na

comissão técnica de uma grande equipe brasileira. "Chamo até as esposas dos jogadores para dar dicas sobre como se alimentar melhor", informa a nutricionista Patrícia Bertolucci. Com o objetivo de evitar a fadiga depois dos jogos, Patrícia administra aos atletas aminoácidos em cápsulas e carboidrato em pó.

Essa estrutura chega a superar a organização de alguns times europeus. "Os jogadores da Sampdoria tinham de fazer exame físico em clínicas especializadas", lembra Toninho Cerezo. Não se pode dizer o mesmo das equipes de elite. O Milan é dono de três campos de treinamento computadorizados. Funciona como sociedade anônima, sendo administrado por um corpo de empresários. O clube que mais se aproxima desse perfil empresarial é o São Paulo. Ainda engatinhando, o Palmeiras tenta através da multinacional Parmalat remodelar o futebol no país. "Nós trabalhamos de forma diferente", explica Marcelo Martines, diretor de marketing do São Paulo. "Só sei da performance

deles, a estrutura eu desconheço", escapa José Carlos Bruno, diretor da Parmalat. "A Parmalat, além de injetar dinheiro, administra, compra e vende jogadores", diz Martines. "Já o São Paulo tem autonomia de tomar decisões independentemente da IBF." O contrato, fechado em 1990 e com término previsto para 1995, é simples. A IBF paga para constar como patrocinadora. Especula-se um valor de 100 000 dólares mensais. "A Penalty fornece todo o material esportivo, como bolas, camisas e agasalhos", diz o diretor financeiro Antônio Galvão Trama. Fora isso, a equipe ganha royalties sobre cada camisa são-paulina vendida pela Penalty.

"Há uma infinidade de empresas clandestinas que usam a

### Lucro com shows de rock

## A galeria dos troféus

Os principais títulos conquistados pelo São Paulo desde a sua fundação, em 1935\*

- Campeão mundial interclubes (1992)
- Campeão da Taça Libertadores da América (1992)
- Vice-campeão da Taça Libertadores da América (1974)
- Campeão brasileiro (1977, 1986 e 1991)
- Vice-campeão brasileiro (1971, 1973, 1981, 1989 e 1990)
- Campeão paulista (1943, 1945, 1946, 1948, 1949, 1953, 1957, 1970, 1971, 1975, 1980, 1981, 1985, 1987, 1989, 1991 e 1992)
- Vice-campeão paulista (1938, 1941, 1944, 1950, 1952, 1956, 1958, 1962, 1963, 1967, 1972, 1978, 1982 e 1983)

\* Não há consenso sobre a data de fundação. Oficialmente, definiu-se 16/12/1935. Desde 26/1/1930, no entanto, já existia o São Paulo Futebol Clube, vencedor do Campeonato Paulista de 1931 e vice-campeão em 1930, 1932, 1933 e 1934



nossa marca”, afirma Ubiratan Macedo, diretor adjunto do São Paulo e gerente de promoção e propaganda da Sharp. A diretoria pretende rastrear a pirataria e controlar o direito de uso da griffe são-paulina. Assim, todo e qualquer produto comercializado com o distintivo tricolor deverá pagar royalties para o clube. “O São Paulo traz profissionais especializados de grandes empresas muito bem remunerados”, revela Carlos Miguel Aidar. “Isso garante o funcionamento empresarial.”

São iniciativas como essa que levam o clube à condição de melhor do país. Para levantar o Centro de Treinamento (CT) na Lapa, o São Paulo não desembolsou um tostão. “A construção foi bancada pela Brahma”, diz Aidar. Em troca de publicidade estática no CT e de exclusividade por dez anos do direito de venda de bebidas dentro do estádio, a Brahma financiou o projeto. O CT é uma área de 44 000 metros quadrados e 1 800 metros quadrados de construção. São três campos, refeitório para quarenta pessoas, sala de musculação, piscina, centro médico, fisiologia, fisioterapia e alojamento para 32 atletas. Moram nos apartamentos, entre outros, o técnico Telê Santana e os jogadores Elivélton, Vítor, Válber, Pintado, Ronaldo Luís e Macedo.

Com um orçamento anual de 8 milhões de dólares e 500 funcionários, o São Paulo nem de longe alcança o padrão financeiro dos grandes clubes da Europa. O orçamento anual do Barcelona é de 60 milhões de dólares. Sua média de público no atual campeonato espanhol é de 79 000 espectadores.

Na Itália, o Milan registra praticamente o mesmo público (75 000 pessoas). Depois de uma campanha vencedora e da final com o estádio lotado, o São Paulo terminou o campeonato paulista com uma média de 20 000 torcedores em 34 jogos. Durante o ano todo, jogou 74 partidas oficiais, venceu quarenta, empatou dezenove e perdeu quinze. Marcou 113 gols e sofreu 63. Na Europa, disputam-se no máximo cinquenta partidas por ano. “Aqui no Brasil quem não chega à final

termina a temporada no vermelho”, constata o diretor são-paulino Marcelo Martines.

“Apesar disso, a diretoria do clube não tem sido capaz de transformar sua superioridade em hegemonia política”, critica o jornalista Juca Kfourri, diretor da revista *Placar* e comentarista da Rede Globo. “Não briga nem com a Confederação Brasileira de Futebol nem com a Federação Paulista.” Motivos não faltariam para o São Paulo enfrentá-las. Num campeonato como o encerrado na semana passada, com 28 clubes, o

excessivo número de jogos com times considerados pequenos diminui a frequência do público e, em consequência, o interesse pelas partidas. Na outra ponta da linha, as arrecadações despencam.

As duas principais estrelas são-paulinas, o técnico Telê Santana e o meio-campista Raí, recebem algo em torno de 20 000 dólares mensais. Parte do dinheiro vem da IBF, empresa patrocinadora do clube. O restante chega através de publicidade do estádio, transmissão das partidas pela TV, bilheteria, aluguel do Morumbi, cachê de amistosos e venda de jogadores. Só com os shows do Hollywood Rock, de 15 a 17 de janeiro, o São Paulo deve faturar mais de 1 bilhão de cruzeiros, custo da locação pelos três dias do evento. Fora isso, ainda ganha um percentual sobre cada pagante, caso o público diário seja maior que 75 000 pessoas.

A conquista do mundial interclubes também valeu bons rendimentos. Antes do título, o cachê da equipe era cotado no exterior a 35 000 dó-

lares por jogo. Com a vitória sobre o Barcelona, o cachê subiu para 60 000 dólares, o mesmo valor cobrado por clubes como o Real Madrid e o Bayern de Munique, da Alemanha. O Barcelona cobra 80 000 dólares. Campeão italiano e dono dos passes dos melhores jogadores do mundo (Van Basten e Gullit), o Milan arrecada 120 000 dólares por amistoso. A continuar nesse ritmo espetacular, brilhante, arrasador, quase imbatível, o fenômeno tricolor ainda chega lá. ■



A tenista Andréa Vieira: “Chorei na Libertadores e no Mundial”



O ator Cássio Gabus Mendes: “Explosão de alegria inexplicável”

FOTOS CAROL DO VALLE



**DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM**  
**MICHAEL SERRA**

**ARQUIVO HISTÓRICO DO**  
**SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE**  
**2023**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**